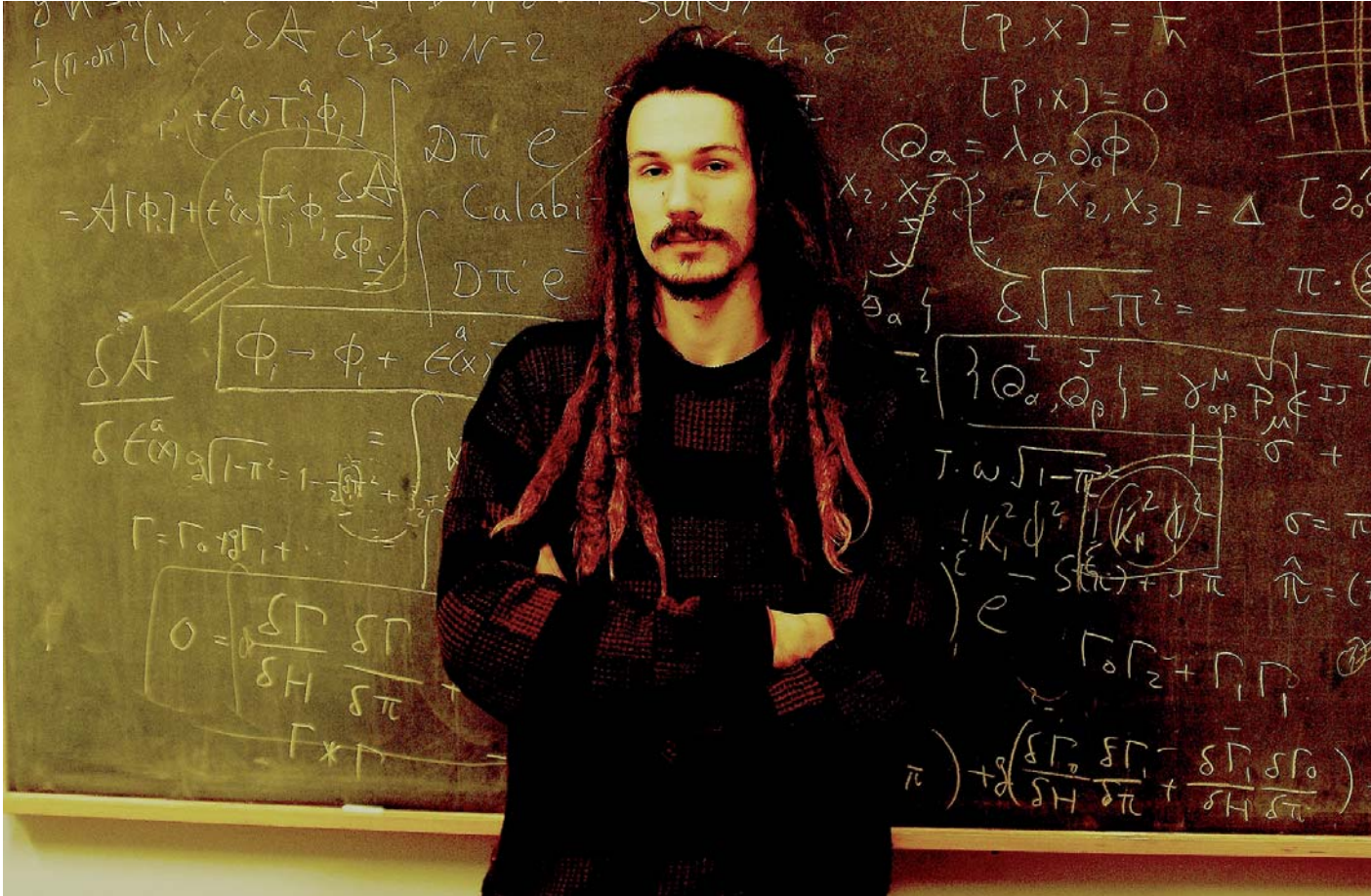


DIREITOS RESERVADOS



Jácome Armas vai para a Suíça em Janeiro, onde irá colaborar com a Universidade de Berna e com a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN)

Entrevista

Jácome Armas Jovem físico açoriano tem feito a ‘Super Liga’ das universidades europeias em busca da origem do Universo. Vive na ‘cidade livre’ e sonha com a alternativa ao petróleo

Um açoriano que procura a origem do Universo nos Buracos Negros

RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianooriental.pt

Jácome Armas tem 27 anos e é natural da Horta, no Faial, de onde saiu com 17 anos para estudar Engenharia Física na Universidade de Aveiro. É a partir daí que começa a sua aventura no estrangeiro. Foi primeiro para a Irlanda onde estudou Física Teórica durante um ano no Trinity College de Dublin. Depois, seguiu-se a Inglaterra e a Universidade de Cambridge, onde completou o mestrado em Estudos Avançados em Matemática. Por fim chega a Copenhaga, capital da Dinamarca, onde está a terminar o doutoramento em Buracos Negros no Instituto Niels Bohr de Astronomia e Física. Por e-mail, o Açoriano Oriental entrevistou este açoriano com um percurso original e rico nos seus interesses que, para além da Física, se estendem também ao campo das Artes.

Está neste momento a estudar os Buracos Negros, algo que a maioria dos Açorianos só conhece da televisão e dos livros. Como surgiu este interesse?

A Física Teórica tenta dar respostas a perguntas fundamentais sobre as leis da Natureza e os Buracos Negros são objetos que, para além da sua estranheza, põem em questão esses mesmos princípios fundamentais. Quando estava em Cambridge fascinou-me o facto de os Buracos Negros deformarem o espaço e o tempo à sua volta de tal forma que todo o tipo de contradições parecem surgir. Incrivelmente, alguns desses quebra-cabeças são apenas aparentes, mas outros quase que destroem os alicerces da teoria da relatividade geral de Einstein como da mecânica quântica, duas teorias decididamente estabelecidas na comunidade científica.

Desta forma, estes buracos que absorvem todo o tipo de matéria e luz até agora observável, abrem as portas para a construção do mais recente e grande objetivo da Física Teórica que é a construção de uma teoria consistente da gravidade quântica que unifique todas as forças da Natureza e explique a origem do Universo. Um objetivo um pouco megalómano, admito, mas interessante contudo. É verdade que en-

quanto vamos ao supermercado não nos lembramos que ao mesmo tempo estamos com os pés assentes num grande calhau que se move pelo vasto Universo tanto no espaço como no tempo, mas todos temos um momento ou outro sobre o qual nos perguntamos porquê.

Tem já planos de trabalho para quando acabar o doutoramento em Buracos Negros em Copenhaga?

Sim. A partir de Janeiro vou viver para a Suíça onde irei colaborar tanto com o grupo de Física Teórica da Universidade de Berna como com o do CERN, que tem o maior acelerador de partículas. Neste sentido, tentarei fazer com que o meu trabalho se aproxime mais da realidade imediata estudando colisões de partículas e as suas interações. Ao mesmo tempo, tentarei desenvolver na Suíça trabalhos de intervenção científico-cultural como o segundo doutoramento que estou a fazer. Este consiste maioritariamente na elaboração de um livro de entrevistas a 30 físicos teóricos, incluindo quatro prémios Nobel, sobre as possíveis formas de elaboração de uma teoria

da gravidade quântica. Este livro tem também o objetivo de dar a conhecer ao público em geral os problemas atuais desta área. Para além disso, quero estabelecer na Suíça a iniciativa que criei em Copenhaga chamada “Science & Cocktails” que consiste na maior plataforma dinamarquesa de levar informação científica às pessoas através de palestras que decorrem em espaços noturnos.

A que tipo de descobertas gostaria de estar associado no futuro?

Em Física Teórica descobertas são raras e normalmente demoram mais do que 50 anos até poderem ser observadas, visto que a teoria normalmente anda 50 anos à frente da capacidade tecnológica experimental. Contudo, se pudesse escolher, gostaria de dar alguns passos decisivos para a construção de uma teoria que unifique todas as forças da Natureza ou para a explicação da essência da composição de um Buraco Negro. Para além disso tenho o sonho recorrente e ingénuo de que no meio das equações com que trabalho surgirá milagrosamente o princípio de uma nova forma de energia que substituirá o petróleo. Podem-se rir.

Em Copenhaga, vive atualmente na ‘cidade livre’ de Christiania. Como funciona esta comunidade tão peculiar?

Christiania é uma grande área de Copenhaga que foi ocupada por um coletivo de artistas nos anos 70 e é essencialmente autónoma, sendo hoje a segunda/terceira maior atração turística de Copenhaga. Está dividida em 15 áreas. As pessoas que vivem em cada área têm reuniões regulares onde se discutem os problemas relativos à área em questão ou problemas gerais. As decisões ao nível de Christiania como um todo são feitas em reuniões gerais onde todos podem participar, numa democracia consensual onde as decisões são tomadas por consenso geral. Ninguém tem mais ou menos poder nem mais ou menos direito que os outros. Quem decide mais é quem participa mais. A sua organização está dividida também em partes, há grupos que interagem com o Governo dinamarquês, outros estão encarregues da renovação e manutenção das casas e edifícios, outros da jardinagem, outras da economia, etc. Qualquer um pode juntar-se a um destes grupos. Neste sentido o Governo nada tem a dizer e toda a manutenção da área é feita pelos mil moradores da comunidade. Em termos de propriedade ninguém é proprietário e todos são proprietários. A minha função na comunidade é a de co-gir o Byens Lys - cinema/teatro de Christiania baseado em voluntariado.

Mantém ligação aos Açores? Gostaria um dia de voltar a viver cá?

Sim, continuo a manter uma forte ligação aos Açores tanto devido à família como ao desenvolvimento de projetos como o jornal Fazendo. Agora mantenho uma forte ligação às raízes da terra onde descobri e redescubri os Açores através da minha participação no projeto O Experimental Na M’Incomoda. Gostaria de continuar a desenvolver projetos nos Açores que estimulem a educação científica e cultural. Contudo, na área em que trabalho de momento é um pouco difícil voltar para os Açores. Se um dia receber uma quantia significativa de forma a ser possível construir um centro para investigação em Física Teórica nos Açores, sou capaz de seguir esse caminho. ♦